

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

SARAH SUZART COP GABRIEL

ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DO AUTISMO EM TRÊS FILMES

RIO DE JANEIRO
2022

SARAH SUZART COP GABRIEL

ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DO AUTISMO EM TRÊS FILMES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sandra Cordeiro de Melo.

RIO DE JANEIRO
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitora: Denise Pires de Carvalho

Vice-reitor: Carlos Frederico Leão Rocha

FACULDADE DE LETRAS

Diretora: Sonia Cristina Reis

Vice-diretor: Humberto Soares da Silva

CIP - Catalogação na Publicação

S243a	Suzart Cop Gabriel, Sarah Análise da Representatividade do Autismo em Três Filmes / Sarah Suzart Cop Gabriel. -- Rio de Janeiro, 2023. 30 f. Orientador: Sandra Cordeiro de Melo. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2023. 1. Representatividade. 2. Autismo. 3. Capacitismo. 4. Filmes. I. Cordeiro de Melo, Sandra, orient. II. Título.
-------	--

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

DEDICATÓRIA

Dedico essa monografia às crianças autistas que tive a oportunidade de conhecer durante a minha graduação. Espero que a leitura deste trabalho faça vocês acreditarem que um dia serão representados da forma que merecem nos filmes.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir chegar até aqui e por me capacitar todos os dias para que eu concluísse minha graduação. À minha mãe, Tatiana Suzart Cop Gabriel, por ser um exemplo de perseverança, força e por não me deixar desistir. Ao meu pai, William de Queiroz Gabriel, por sempre me incentivar e por me fazer acreditar que eu passaria por essa etapa com êxito. Ao meu irmão, Lucas Suzart Cop Gabriel, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos exercendo seu papel de irmão mais velho da melhor forma possível. Aos meus avós, tios, primos e amigos da família que sempre deixavam evidente o orgulho que sentiam por eu estar conquistando meu diploma. Ao meu namorado, Jorge Hiago de Amorim Ferreira Moraes, pelos momentos de descontração, de lazer e por ter paciência nos momentos mais estressantes. Às minhas amigas da graduação, Rebeca Souza de Santana Alves e Thamyres Barbosa Alves, pelas caronas, pelas conversas e por todas as memórias afetivas que me proporcionaram nos meus últimos anos de graduação. À minha orientadora, Sandra Cordeiro de Melo, pelo direcionamento durante a realização da minha monografia. E a todos os meus professores da faculdade pelos ensinamentos.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

SARAH SUZART COP GABRIEL

DRE: 119049876

ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DO AUTISMO EM TRÊS FILMES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

NOTA: _____

Nome completo do Orientador - Presidente da Banca Examinadora
Prof. + titulação + instituição a que pertence

NOTA: _____

Nome completo do Orientador - Presidente da Banca Examinadora
Prof. + titulação + instituição a que pertence

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA

Essa monografia tem como objetivo analisar a representatividade do autismo nos filmes “Mary e Max: Uma Amizade Diferente”, “Adam” e “Temple Grandin”, com o intuito de identificar se o tema do autismo é ou não abordado de maneira capacitista nas obras cinematográficas selecionadas. A análise foi construída através dos métodos de microanálise de vídeo (minutagem e decupagem) de algumas cenas dos três filmes mencionados acima e, também, a partir de concepções já existentes sobre os temas representatividade, autismo e capacitismo. Ao longo da monografia, mostrarei como os filmes que selecionei apresentam uma estratégia menos capacitista ao abordar o tema do TEA em suas tramas. Além disso, explicarei os tipos de representação que encontramos em obras cinematográficas que falam sobre o autismo em seus enredos.

Palavras-chave: Autismo, Capacitismo, Representatividade e Filmes.

RESUMO EM IDIOMA ESTRANGEIRO

This monograph aims to analyze the representation of autism in the films "Mary and Max: A Different Friendship", "Adam" and "Temple Grandin", in order to identify whether or not the topic of autism is approached in a capacitist way in the works. The analysis was built using video microanalysis methods (minute and decoupage) of some scenes from the three films mentioned above, and also from existing conceptions on the themes of representation, autism and ableism. Throughout the monograph, I will show how the selected films present a less capable strategy when approaching the theme of ASD in their plots. In addition, I will explain the types of representation that we find in cinematographic works that talk about autism in their plots.

Keywords: Autism, Capacitism, Representation and films.

SUMÁRIO

Dedicatória.....	3
Agradecimento.....	4
Folha de avaliação.....	5
Resumo na língua vernácula.....	6
Resumo em idioma estrangeiro.....	7
Introdução.....	9
1. Método.....	12
1.1. A Seleção dos Filmes.....	12
1.2. Resumo sobre os Filmes.....	13
1.2.1. "Mary e Max - Uma Amizade Diferente.....	14
1.2.2. "Temple Grandin".....	16
1.2.3. "Adam".....	18
1.3. Microanálise de Vídeo: Minutagem e Decupagem.....	20
2. Análise e Discussão.....	22
2.1. Os Desafios da Representatividade.....	23
2.1.1. Representações do Autismo.....	23
2.1.2. Representação Romantizada do Autismo.....	25
2.1.3. Representação Padronizada do Autismo.....	27
Conclusão.....	28
Referências.....	30
Glossário.....	31

INTRODUÇÃO

A representatividade de pessoas autistas nas novelas, filmes e séries é, geralmente, a primeira maneira que grande parte do público conhece o Transtorno do Espectro Autista (TEA). É importante destacar que a atuação de pessoas não autistas nessas mídias favorecem a criação de estereótipos que prejudicam o reconhecimento do transtorno. Um dos principais problemas da representação do autismo e de outras síndromes, na maioria das obras de cinema é chamado *cripface*, que ocorre quando atores que não possuem nenhum tipo de deficiência interpretam personagens com necessidades especiais. A presença de personagens com algum transtorno nos filmes é muito rara, mas o número de atores e atrizes autistas, ou com outras síndromes, é ainda menor.

Há muitos anos, grande parte da interpretação desses papéis é direcionada para profissionais que não possuem nenhum transtorno, o que impede que atores PCDs aproveitem essa rara oportunidade. Ademais, atores que não apresentam condições neurológicas atípicas, como TDAH e autismo, não possuem a experiência necessária para representar de maneira autêntica as atitudes de uma pessoa autista. Isso cria uma representação com traços exacerbados e estereotipados que gera um incômodo às pessoas que já conhecem tais transtornos.

Além disso, muitos produtores de filmes tendem a generalizar o autismo e apresentam seus personagens como homens, brancos, ricos e com autismo nível 1 que são considerados gênios pelos personagens neurotípicos participantes do elenco. Segundo o DSM-5, o TEA “engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autista atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger” (APA, 2014, p. 53).

Conclui-se que todos esses transtornos fazem parte da mesma condição, mas com níveis distintos e que a categorização prejudicaria o diagnóstico, por esse motivo todos foram contidos em um único laudo: o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por isso, o autismo não deve ser representado de uma única maneira nas obras cinematográficas e sim abordar todas as variações do TEA.

Para mais, o capacitismo é o preconceito contra indivíduos deficientes, e ele é um dos principais motivos pelo qual as empresas justificam para não empregar atores e atrizes com necessidades especiais. A exclusão é revelada de várias maneiras, até mesmo de modo camuflado de “precaução” como o conceito de que certos atos e comportamentos são incapazes de serem representados por PCDs. Essa atitude discorda com o princípio de “nada sobre nós sem nós”, adotado por várias organizações de PCDs.

De acordo com o raciocínio capacitista, a deficiência é denominada como “um estado diminuído do ser humano” (Dias, 2013, p. 2). Logo, o capacitismo se apresenta em comportamentos discriminatórios e preconceituosos que desacreditam da capacidade de pessoas autistas terem uma vida saudável como os indivíduos neurotípicos.

Nessa perspectiva, se faz necessário analisar a maneira que a representatividade dos autistas é abordada nos filmes, pois é através deles que grande parte dos telespectadores conhecerão o TEA. Caso o personagem autista integrante do elenco do filme seja muito estereotipado e infantilizado, causará uma impressão equivocada ao público de que todo autista apresenta tal comportamento.

Por isso, é de suma importância que os produtores de obras cinematográficas não cometam a generalização do Transtorno do Espectro Autista e apresentem padrões variados em seus personagens autistas. Além de não infantilizar e nem os colocar na posição de PCDs mágicos que só aparecem nos filmes para transformar a trajetória do protagonista.

Dessa maneira, a monografia aqui apresentada tem como intuito evidenciar e observar, com o auxílio das técnicas de minutagem - descrevendo as cenas dos três filmes selecionados, minuto por minuto - e decupagem - dividindo os filmes nas cenas mais relevantes para o foco desta pesquisa. A fim de verificar os momentos em que o personagem autista foi representado de forma capacitista ou diminuído pelos integrantes neurotípicos dos filmes. Também serão investigadas a existência da generalização dos autistas representados nos três filmes e as oportunidades de atuação de profissionais autistas nas obras cinematográficas indicadas.

Considerando esses objetivos e as conclusões da análise, determina-se responder às seguintes questões centrais:

Como os autistas são representados nas obras analisadas? E como incluir os autistas nas produções de filmes evitando o capacitismo?

Os filmes analisados foram: “Mary e Max: Uma Amizade Diferente” (2009), “ Adam” (2009) e “Temple Grandin” (2010) que têm como personagem principal pessoas com TEA.

Durante essa pesquisa será utilizado a técnica da microanálise de vídeo que tem como objetivo analisar minuciosamente os filmes selecionados. O uso dessa técnica facilita a compreensão das cenas em que os personagens apresentam comportamentos característicos do TEA. A partir da segmentação de cada minuto da cena, a microanálise resulta na coleta de cada detalhe representado através dos gestos e expressões dos personagens. De acordo com Mattos:

"Acrescentou-se a microetnografia ou a microanálise de vídeo como um recurso facilitador no processo de identificação das particularidades do contexto estudado, bem como dos pontos de transição entre os eventos, permitindo definir o tempo, a sequência-início, foco principal da ação e conclusão envolvendo os aspectos da organização do evento." (Mattos, 2015)

Nesta monografia serão utilizadas duas técnicas de análise de vídeo, que serão a minutagem e a decupagem.

1. Método

Para realizar essa monografia eu selecionei um tema que me interessou desde antes do meu início na graduação. O universo do autismo me chama atenção, pois é um assunto pouco discutido, porém de suma importância para prevenção do preconceito. Optei por analisar filmes que representam o TEA, porque eles são um meio de compartilhar informações de modo acelerado e também porque gosto de assistir filmes que abordam assuntos importantes como o Transtorno do Espectro Autista. Por isso, uni o assunto do autismo com a habilidade de comunicação dos filmes e construí esta pesquisa para analisar como os filmes representam os personagens autistas em suas histórias e se há ou não atitudes capacitistas durante as obras cinematográficas.

1.1. A Seleção dos Filmes

Ao assistir filmes que abordam a temática do autismo, notei que muitos deles seguem alguns padrões. Existem filmes que tratam o autismo como uma doença incurável, é o caso de "Forrest Gump", outros relatam o autista como um ser mágico que nasceu para transformar a vida de sua família, como em "Music". Porém, o que mais se destaca são os filmes que apresentam cenas capacitistas durante a história. Por isso, passei a observar os filmes com personagens autistas que tratam o TEA como um obstáculo, incapacitando as pessoas com autismo de fazerem algo como namorar, trabalhar ou morar sozinha, o que seria simples é comum para pessoas neurotípicas.

O primeiro filme que selecionei foi "Mary e Max - Uma Amizade Diferente", nele é apresentada a história de Mary, uma menina de oito anos que faz amizade com Max, um homem autista de quarenta e quatro anos. Quando vi esse filme notei que pela primeira vez assisti um autista sendo representado de forma natural, Max mora sozinho, já trabalhou em alguns empregos e vive de maneira estável. Lembro que fiquei surpresa e estranhei ao notar que ele não apresentava fala mecanizada, não dependia dos pais e de nenhum cuidador. A partir desse filme, observei que os outros que eu havia assistido é que deveriam me causar estranhamento, pois neles os autistas eram representados como pessoas incapazes de terem uma vida saudável e normal como a de Max.

Ademais, notei que na maioria dos filmes que eu assistia, o autismo era representado por homens e por isso eu selecionei o filme "Temple Grandin" que além de ser interpretado por uma mulher, ele mostra que pessoas autistas também podem fazer

faculdade e serem reconhecidas por sua inteligência. Entretanto, percebi que quando os filmes mostram o lado positivo da vida dos autistas, eles esquecem de todas as dificuldades e desafios que eles precisam enfrentar para serem aceitos no mercado de trabalho e em demais ambientes em que o preconceito é evidente.

Nessa perspectiva, eu selecionei o filme "Adam" que conta a história de um homem autista que foi demitido de seu emprego e luta para ter um relacionamento amoroso com sua nova vizinha. Quando assisti a esses três filmes, observei que eles não deixam de apresentar as cenas em que os personagens têm momentos difíceis, como crises de raiva, ansiedade, dificuldade de socialização ou quando sofrem preconceitos de personagens neurotípicos. Todavia, apesar desses momentos, os filmes também apresentam cenas em que os personagens conquistam grandes oportunidades, como ser promovido em seu trabalho, ir à uma sessão de terapia sozinho e manter um relacionamento com alguém.

Essas pequenas conquistas são gigantescas ao refletir o que eles precisam fazer para se adaptar ao mundo dos neurotípicos para serem reconhecidos e valorizados como pessoas capazes de cumprir qualquer tarefa mandada. Os filmes são apenas representações ou reflexões sobre o que acontece na vida real, mas eles nos fazem enxergar o quanto nossa visão deve mudar com relação aos autistas, que qualquer pensamento capacitista é uma forma de preconceito e que não devemos tratá-los como pessoas que precisam superar seus defeitos ou como humanos incapazes.

1.2. Resumo sobre os Filmes

Como explicado acima, selecionei três filmes em que o personagem principal possui o Transtorno do Espectro Autista. Cada filme apresenta suas singularidades, assim como os seus protagonistas. Nenhum deles é exatamente igual, mas ao compará-los notamos algumas singelas semelhanças, como os desafios que precisam enfrentar para serem aceitos na sociedade e também por terem de provar constantemente que possuem a capacidade de conquistar pequenas e grandes realizações em suas vidas, tal qual uma pessoa neurotípica. Além disso, os três personagens são as Asperger que é um tipo de autismo incluído no TEA e são nível 1 de suporte, isso explica porque eles conseguem ser mais independentes e capazes de trabalhar, morar sozinho ou terem um relacionamento amoroso. Por esses motivos, resumi a história de cada filme para

evidenciar e comparar as cenas em que eles se assemelham e também as que eles se diferenciam.

1.2.1. "Mary e Max - Uma Amizade Diferente"

O filme "Mary e Max - Uma Amizade Diferente" tem como protagonistas dois personagens: Mary Dinkley, uma criança de oito anos que sofre bullying na escola por ser gordinha e mora com seus pais no subúrbio de Melbourne na Austrália; Max Horovitz, um homem de quarenta e quatro anos, judeu, diagnosticado com Síndrome de Asperger que é um dos tipos de autismo, ele mora sozinho em Nova York. Mary, por ser muito negligenciada pelos pais, mandou uma carta para um endereço que sorteou na lista telefônica com objetivo de ter suas curiosidades e perguntas respondidas. O endereço correspondia à casa de Max que vivia à dois continentes de distância daquela criança e que apesar de ficar surpreso com a carta recebida, decide dar uma chance a essa amizade sem se importar com a diferença de idade, e ambos percebem que compartilhavam os mesmos interesses e continuaram conversando através das cartas.

Max era obeso, viciado em uma receita que ele mesmo inventou (cachorro quente de chocolate) e por ser antissocial, uma das características do autismo, tem o sonho de morar na lua para não ter que conviver com ninguém. Vera, a mãe de Mary, é alcoólatra e fumante, e como está sempre bêbada, não cuida da filha como deveria e diz que Mary é um acidente. Exatamente pela razão dos dois personagens sentirem-se muito solitários que a amizade deles ficou tão forte, porque ela supria a falta de atenção e de carinho.

Apesar de ser um stop-motion feito com massinha de modelar, o filme nos faz refletir sobre temas muito importantes como o autismo, a obesidade, a depressão, o alcoolismo e o suicídio. O filme se encaixa no gênero dramático, mas é narrado com um certo humor sarcástico, principalmente quando relata os vários desafios que Max enfrenta por causa do Transtorno do Espectro Autista, como a dificuldade em entender expressões de linguagem e faciais, compulsão alimentar, sensibilidade a sons altos e os ataques de pânico que sofria quando Mary fazia perguntas que traziam lembranças de sua infância conturbada. Por esse motivos, a amizade deles oscilava bastante, mas por ser uma criança inocente e Max por ter essa inocência por causa de sua síndrome, os dois sempre se entendiam e demonstravam muito carinho e apoio um pelo outro. Uma curiosidade são as cores do filme que na maioria das vezes era somente marrom na vida de Mary e

cinza na vida de Max, mas os presentes que mandavam um para o outro eram coloridos, como o pompom vermelho que ela mandou para ele que usava sobre seu quipá.

Conforme Mary crescia, a amizade deles continuava. Ela entrou para faculdade, casou-se e encontrou as dificuldades da vida adulta. Em uma das cartas, Max explicou pra ela como era ser um Asperger e Mary interessou-se tanto pelo assunto que decidiu estudar mais e escreveu sobre a cura da síndrome. Quando Max recebeu o primeiro exemplar do livro, ficou furioso e muito decepcionado com sua amiga, mas por ter dificuldade de expressar seus sentimentos, ele resolveu arrancar a tecla “M” de sua máquina de escrever e enviá-la para Mary como símbolo do fim da amizade. Ela triturou todas as cópias quando percebeu que Max não tinha aprovado sua obra, ficou deprimida, porque além de seu casamento, sua linda e única amizade havia terminado. Por não saber como lidar com a situação ela tentou suicídio, sem saber que estava grávida de seu ex-marido, mas graças ao seu vizinho que tocou a campainha na hora exata, Mary e seu bebê foram salvos. O vizinho deixou uma caixa que havia chegado para ela, e que tinha sido mandada por seu velho amigo. Max refletiu muito sobre a amizade deles e com ajuda de seu terapeuta decidiu que era preciso perdoar Mary pelo seu equívoco de expor Max em seu livro que nunca foi publicado. Depois de algum tempo, Mary vai visitar seu amigo e leva seu filho com ela. Entretanto ao chegar na casa dele, encontra Max morto em seu sofá com o olhar direcionado para o teto e quando Mary olha na mesma direção, vê todas as cartas, desenhos e fotos que mandou para seu amigo durante todos esses anos.

Esse filme, mesmo com uma linguagem simples, nos faz refletir sobre as dificuldades de um relacionamento e quão importante a comunicação, a compreensão e a paciência são para que uma amizade se mantenha forte e estável. O autismo de Max era tratado com naturalidade por Mary e é exatamente essa mensagem que o filme passa: “ A razão pela qual eu a perdoo é porque você não é perfeita, você é imperfeita e eu também. Todos os humanos são imperfeitos.”, trecho da carta de Max. Essa frase nos ensina que todos cometemos erros e que por isso devemos perdoar os erros dos outros, principalmente se for para conservar uma linda amizade.

1.2.2. "Temple Grandin"

O filme "Temple Grandin" conta a história de vida de Temple que aos quatro anos ainda não verbalizava, apresentava um comportamento estressado, possuía dificuldades de interação e socialização com pessoas, inclusive da sua idade, não aceitava ser tocada, demonstrava ter hipersensibilidade a ruídos e seletividade alimentar. Ao ser analisada por um psiquiatra, Temple foi diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista e a solução possível era a internação, pois ainda não existia um tratamento adequado. Porém, a mãe de Temple recusou essa proposta e continuou cuidando da filha em casa, estimulando sua fala através de imagens e exercícios de repetição. Após muita persistência e dificuldade por não possuir rede de apoio, ela obteve sucesso ao ensinar para Temple um rico vocabulário e uma boa desenvoltura comportamental.

A obra começa com Temple na idade adulta dizendo: "eu não sou como as outras pessoas, penso com imagens e as conecto", ao decorrer do longa-metragem, podemos entender como é o funcionamento do cérebro dela e como ela se comporta em determinadas situações. Em 1966, ela passa o verão na fazenda de sua tia localizada no Arizona para refletir sobre a ideia de ir para a universidade, pois até então não estava muito motivada com essa possibilidade, por causa da sua dificuldade de socialização. Na fazenda ela descobre o quanto gosta dos animais e o seu dom em cuidar e entender o comportamento das vacas.

Em algumas cenas ficam nítidas as atitudes que correspondem às características do TEA, são elas a maneira coreografada de saudar as pessoas, sentar-se à mesa, comer somente gelatina e iogurte, identificar onde ela se acomodaria enquanto estivesse na casa da tia (para isso foi necessário colocar uma folha com seu nome na porta do quarto) e não aceitar facilmente as mudanças em sua rotina. Durante os dias que participou das atividades da fazenda, Temple observou o método que o vaqueiro utilizava para acalmar o gado antes de aplicar a vacina: o animal enfileirado anda por um corredor, dentro do curral que o direciona para uma máquina de madeira que o prende e o tranquiliza. Com isso, quando ela tinha crises de ansiedade ou de pânico, imitava o comportamento das vacas de acalmar-se no objeto de madeira e sentia-se abraçada por aquela máquina.

Quando o verão terminou, Temple voltou para a cidade e ingressou na Universidade Franklin Pierce, onde cursou psicologia. Entretanto, ela apresentou dificuldades de adaptação: o contato com os alunos, o método de ensino dos professores e todo o

barulho da faculdade a perturbava tanto que ela construiu uma máquina de madeira que nomeou de máquina do abraço, inspirada na estratégia utilizada na fazenda para acalmar as vacas. Todavia, sua máquina não foi permitida no campus, pois era proibido ter objetos grandes dentro dos dormitórios, além disso, sua companheira de quarto não compreendia sua situação.

Temple tentou explicar a importância de sua máquina para o coordenador da universidade, mas não obteve sucesso, o que a fez fazer uma pesquisa que comprovasse a utilidade de sua máquina em acalmar as pessoas. Após muito tempo de estudo, ela conseguiu justificar sua teoria e foi parabenizada por seu coordenador pelo método que utilizou em sua pesquisa. Ela recebeu sua readmissão na universidade e passou a dividir o quarto com uma aluna cega, ambas construíram uma bela amizade que fez Temple desenvolver comportamentos mais sociáveis, porque precisava aceitar o toque para ajudar sua amiga a andar pelo campus e também narrava os filmes que viam juntas.

Ao concluir o curso de psicologia, Temple foi escolhida para fazer o discurso de graduação, nele ela contou sobre o seu processo de adaptação e o quanto evoluiu, pois o simples ato de falar em público era um grande desafio para ela. Por ser incentivada pelo seu professor Carlock, ela continuou os estudos focando no manejo dos animais que era um assunto que a interessava muito, e desenvolveu pesquisas na área, tornando-se mestre em ciência animal.

Enquanto realizava suas pesquisas do mestrado, Temple foi ridicularizada e ignorada por muitos fazendeiros famosos daquela época. Isso ocorreu pelo simples fato de ser uma mulher interessada nessa área de conhecimento, alguns aconselharam que ela trocasse de profissão. Ela foi impedida de entrar no abatedouro onde fazia sua pesquisa através de um vínculo da universidade, Temple usou roupas de fazendeiro e trocou seu carro por uma caminhonete para conseguir entrar em seu ambiente de estudo. Ela ignorava seus perseguidores e focava em seus objetivos, por causa da sua dificuldade em compreender metáforas e expressões irônicas, ela não entendia as piadas que faziam sobre seu comportamento.

Algumas complicações ocorreram pela mesma razão, como ter sua pesquisa recusada pelos fazendeiros vinculados à instituição, mas ela persistiu até ser aprovada. Depois de observar o quão agressivo era o tratamento que o gado recebia antes do abate, Temple construiu um projeto que tornava esse processo mais tranquilo para o animal, afirmando

que: “criamos o gado para nós, a natureza é cruel, mas não deve ser. Devemos-lhe algum respeito”. Mesmo com todos os desafios, ela seguiu realizando pesquisas, encontrando pessoas interessadas em seu trabalho e ao conquistar seu título de mestrado, Temple começou seu doutorado, tornando-se uma figura de grande importância para a área de manejo de animais.

A obra é finalizada com a participação de Temple na Convenção Nacional de Autismo no ano de 1981, ela relata para todos sobre sua jornada até aquele momento, o quanto o incentivo de sua mãe, o acesso à educação e autoconfiança foram importantes para ela conquistar os títulos que possui. As pessoas que estavam lá ficaram fascinadas com sua desenvoltura e sua mãe ficou muito orgulhosa em ver a filha contando sua história. Logo, podemos concluir que o filme apresenta assuntos muito importantes: uma mulher com autismo que através do incentivo de sua mãe conseguiu evoluir, demonstrar um alto funcionamento e transformou os métodos utilizados nos abatedouros e nas fazendas, associando a psicologia com o manejo animal, através de pesquisas do comportamento do gado.

1.2.3. "Adam"

O filme “Adam” apresenta diversas questões sobre a síndrome de Asperger que é conhecida como um tipo mais leve de autismo que está incluído no Transtorno do Espectro Autista. Por meio do protagonista que apresenta o TEA, podemos observar algumas características típicas dessa condição, como o comportamento repetitivo, dificuldade de socialização e em manter o contato visual ao falar com as pessoas. Os autistas podem ter um hiperfoco, interesse em alguma área ou objeto específico. Na obra, Adam trabalha como engenheiro eletrônico, assunto que o personagem apresenta grande habilidade e interesse, demonstrando que mesmo com suas dificuldades ele pode trabalhar de maneira positiva. Infelizmente, ele é demitido desse emprego gerando uma grande mudança em sua rotina, o que causa uma crise de ansiedade devido ao estresse.

Ao analisar as interações sociais, percebe-se quem faz parte da rotina de Adam e como essas relações influenciam seu comportamento. Uma das relações positivas é a do amigo de seu falecido pai, que o tranquiliza em suas crises e que o aconselha em momentos difíceis, deixando claro que ele sempre estará ali para ajudá-lo. Quando Beth conhece o protagonista também demonstra empatia, já que pesquisa sobre a condição de seu novo vizinho, com o objetivo de entendê-lo melhor. Ao contrário do pai de Beth que

apresenta atitudes preconceituosas evidenciadas por suas falas: “ele não é para você, será sempre uma criança”. Nesse momento fica nítido que ele não possui entendimento sobre o TEA, porque transforma os estigmas em suposições equivocadas sobre o Adam.

Assim que começam a namorar, Beth leva o protagonista para conhecer seus amigos. Nessa ocasião é possível observar o estranhamento que um autista pode causar em eventos de pessoas neurotípicas. Por apresentar uma fala repetitiva e só entender as palavras em seu sentido literal, Adam não é facilmente compreendido pelos amigos de sua namorada que ficam muito confusos com o seu comportamento. Desse modo, o filme nos faz refletir sobre o quanto é difícil para as pessoas incluídas no TEA se relacionarem com indivíduos neurotípicos, pois há sempre um olhar de julgamento e comentários capacitistas.

O longa-metragem também aborda a questão amorosa explicando que durante um relacionamento, o parceiro tende a projetar em seu amado suas expectativas e seus anseios. Isso fica nítido quando Beth pergunta para o Adam se ele a ama e por qual motivo ela deveria se mudar com ele. Sua expectativa era de uma resposta extremamente romântica para acabar com sua insegurança adquirida em seu antigo relacionamento. Entretanto, como ela havia pesquisado sobre o Transtorno do Espectro Autista antes de namorar com o Adam, deveria saber que ele possui dificuldade de expressar seus sentimentos e por isso a resposta dele não poderia alcançar suas altas exigências. Por causa dessa falha na comunicação e por ela não respeitar os limites de seu parceiro, o namoro deles chega ao fim.

Para entender a relação amorosa que o filme apresenta, é necessário analisar ambos os lados sem romantizar as situações vivenciadas pelo casal. Antes de tudo, para que um namoro funcione, o parceiro tem que buscar entender as características da condição da pessoa amada, para definir se consegue ou não passar pelo processo de adaptação. Para Beth, isso significaria suportar as crises, os estigmas e principalmente compreender que a forma de Adam demonstrar carinho não é a mesma que a dela. Além disso, a personagem teria de se acostumar com os julgamentos e os comentários preconceituosos, pois muitas pessoas que não entendem que os autistas também são capazes de amar, ter relações e uma vida saudável.

Ademais, ela também precisaria lidar com seu pai que não aceitava seu relacionamento com o Adam. Para isso, Beth deveria refletir que todos os namoros apresentam suas

dificuldades, pois não é possível ter um completo conhecimento sobre o seu parceiro, já que os seres humanos estão sempre passando por mudanças. Adam sempre tentava demonstrar seu amor por Beth, apesar das suas limitações, ele saía de sua rotina para deixá-la feliz e mostrava através de suas atitudes os seus sentimentos por ela, pois expressá-los era muito complicado para ele. Isso é representado na cena em que ele anda até a casa da família de Beth, apesar de estar nevando. Todavia, isso não foi o suficiente para ela que estava acostumada com um namoro padrão em que ambos são neurotípicos e possuem facilidade em expressar seus sentimentos.

O filme termina com Adam se mudando sozinho para a Califórnia onde conseguiu uma nova oportunidade de trabalho, o que mostra uma grande evolução do protagonista, pois as mudanças em sua rotina causavam crises de ansiedade. Beth não se muda com ele, porque não conseguiu se adaptar à maneira que seu namorado demonstrava amor. O final da trama não é definido e não apresenta uma conclusão clichê, o que leva o público a interpretar o fim de acordo com as suas preferências. Adam está feliz em seu novo emprego e sente-se capaz de realizar todas as tarefas propostas. Notamos que seu comportamento mudou em relação às pessoas na cena em que ele ajuda uma colega a carregar algumas caixas.

Após um ano de sua mudança, ele recebe uma encomenda que era o livro infantil que Beth estava escrevendo quando eles ainda eram namorados. O livro conta a história dos guaxinins que Adam a levou para ver no Central Park, um deles se chama Adam. A obra se encerra com a cena do protagonista sorrindo, lembrando das situações que viveu com Beth e refletindo sobre todas as suas conquistas até aquele momento. Esse filme nos faz entender um pouco mais sobre como é a realidade de pessoas que possuem o Transtorno do Espectro Autista. Além de gerar uma reflexão sobre quanto preconceito elas sofrem ao tentarem realizar tarefas comuns para indivíduos neurotípicos. Eles merecem ser respeitados e não podem continuar ouvindo comentários capacitistas sobre seus relacionamentos, seus comportamentos e nenhum outro assunto de sua vida.

1.3. Microanálise de Vídeo: Minutagem e Decupagem

A microanálise de vídeo é uma técnica de análise de comportamento que utiliza câmeras de vídeo para observar e registrar atividades específicas de indivíduos ou grupos em situações controladas ou naturais. É uma técnica útil em pesquisas nas áreas de psicologia, biologia, educação, sociologia, entre outras. A análise detalhada dos dados

de vídeo pode fornecer informações importantes sobre as interações sociais, habilidades motoras, tomadas de decisão, entre outros aspectos. A microanálise de vídeo é um método objetivo e preciso para avaliar comportamentos complexos que ocorrem em situações naturais.

Minutagem é o termo utilizado para designar o processo de medir o tempo de duração de um material audiovisual, como um filme, um programa de TV, um vídeo ou uma propaganda. Esse processo pode ser feito de forma manual, utilizando um cronômetro ou um relógio, ou com o auxílio de software de edição de vídeo, que esses programas permitem visualizar o tempo exato de cada cena, plano ou sequência. A minutagem é importante no planejamento e execução de um projeto audiovisual, pois permite determinar com precisão a duração do material produzido, o que é fundamental para adequar o conteúdo ao formato desejado e controlar os custos de produção.

Utilizei a minutagem para analisar algumas cenas que selecionei de cada filme. A precisão de cada minuto da cena escolhida eram importantes, pois os personagens autistas apresentavam crises de pânico ou de ansiedade em que muitas informações tinham de ser explicadas para esclarecer o comportamento eufórico daquela representação. Assim como nas cenas seguintes em que o protagonista tem sua crise controlada por algum personagem neurotípico que se dispõe a acalmá-lo e cada detalhe como as palavras ou toques usados para conter aquela situação puderam ser melhor explicitados com o uso da minutagem.

Usarei uma cena do filme "Temple Grandin" para explicar tal processo. Nesta cena Temple e sua mãe estão no velório do seu professor favorito e ela não consegue entender o porquê das pessoas estarem se despedindo dele, se o mesmo não está mais ali e por isso decide ir embora:

1:35:15 - Temple diz para a sua mãe que vai embora

1:35:18 - A mãe concorda e abre os braços

1:35:20 - Temple se aproxima da mãe

1:35:22- A mãe a abraça pela primeira vez

Nesse momento do filme, percebemos o quanto a mãe fica feliz e em choque, pois uma das características do autismo de sua filha era recusar qualquer tipo de afeto. Esse foi um dos trechos mais emocionantes do filme.

Decupagem é um termo utilizado em áreas como cinema, televisão e publicidade e se refere ao processo de analisar e dividir um roteiro ou material audiovisual em partes menores, como cenas ou planos. É um processo fundamental no planejamento e organização da produção audiovisual, pois ajuda a identificar as diferentes etapas de um projeto e a definir as necessidades de cada uma dessas etapas.

Na decupagem são definidos o número de planos e como cada cena será filmada, incluindo a composição de quadros, câmera, movimento e iluminação. Também podem ser feitas anotações sobre ações e diálogos de cada cena para orientar o trabalho dos atores e da equipe técnica. A decupagem pode ser feita por um diretor, um roteirista ou um montador, dependendo das necessidades do projeto.

O uso da decupagem foi necessário para explicar um conjunto de cenas anteriormente minutadas. Isso ocorreu quando analisei cenas em que o personagem principal era exposto em situações capacitistas e essa ferramenta facilitou a exemplificação dos momentos que a minutagem não foi suficiente para explicar um trecho tão grande e delicado do filme.

Para exemplificar esse processo escolhi uma cena do filme "Adam". No trecho em questão, Adam leva Beth para um parque em uma noite bem quieta senta com ela em um banco da praça. Ele pede para que ela olhe para frente com atenção e faça silêncio. Alguns momentos depois uma família de guaxinins aparece e Beth fica encantada com a cena que assiste. Ela pergunta para o Adam como ele descobriu aquele lugar e como ele sabia que aquilo ia acontecer. Ele responde que gosta de ir até ali, pois é um local tranquilo.

Essa cena nos mostra que o isolamento que Adam precisa fazer às vezes para acalmar os vários pensamentos que perturbam sua mente é utilizada para socializar com sua nova vizinha, ou seja ele conseguiu ressignificar seu momento de ficar tranquilo para dividir uma cena tão especial para ele e que deixaria Beth muito feliz. Ao final do filme, ela escreve um livro sobre essa cena que presenciou para relatar um pouco do que viveu com o Adam.

2. Análise e Discussão

A partir deste momento, analisaremos os diversos tipos de representações do TEA utilizados pelas indústrias cinematográficas. Julgaremos se elas são eficazes quanto a distribuição de informações verídicas sobre pessoas autistas e o seu dia a dia. Para explicar essas representações, usarei as cenas dos filmes escolhidos para exemplificá-las. Desse modo, serão necessárias a minutagem e a decupagem para demonstrar as cenas e as maneiras de representação.

2.1. Desafios da Representatividade

A dificuldade de exercer a representatividade não é uma problemática recente. Desde muitos anos o ser humano possui uma facilidade em se organizar em grupos mais favorecidos do que outros, o que gera uma exclusão das partes menos privilegiadas. Essas fragmentações podem ser estimuladas pelas diferenças de renda, etnia, desenvolvimento intelectual e outras diversas categorias.

Em muitas situações as comunidades excluídas possuem mais integrantes do que os grupos em ascensão. Isto acarreta em alguns participantes da comunidades excluída a motivação de lutar pela representatividade de seu grupo com o objetivo de serem incluídos e ouvidos pelos demais para diminuir tais desigualdades.

2.1.1. Representações do Autismo

Existem poucas obras cinematográficas que representam o autismo e as que são exibidas têm seus personagens autistas interpretados por atores neurotípicos, o que é denominado de *cripface*. O uso de profissionais que não possuem TEA gera a representação exagerada e estereotipada do transtorno.

Além disso, muitos filmes e séries representam o Transtorno do Espectro Autista como algo a ser superado, como o filme "O farol das orcas" de 2016. Outros abordam o tema do autismo com o objetivo de transformar a vida das pessoas que cercam o autista, um exemplo disso é o filme "Music" de 2021. Há também apresentações do personagem

com TEA muito infantilizado e marcado com diversos traços do transtorno que como são representados por profissionais neurotípicos, ficam muito exacerbados e não transmitem uma informação verdadeira sobre o tema, esse caso também pode ser exemplificado pelo filme "Music" de 2021.

Entretanto, existem algumas produções que estudam o tema do Transtorno do Espectro Autista e às vezes até usam como inspiração um personagem real que possui TEA. Por isso, mesmo usando atores neurotípicos, a atuação fica mais realista e sem exageros. Este é o caso do filme Temple Grandin que conta a história de uma personagem que realmente existiu e que é autista. Na seguinte cena, vemos a personagem principal junto de sua tia que explica a Temple como funcionam as expressões faciais e quais sentimentos elas representam:

14:30 - A tia mostra uma foto da Temple com o rosto franzido e os dentes semicerrados e explica que nessa foto ela está brava.

14:32 - Temple observa a imagem e anota a palavra "brava" na foto. (Temple Grandin, 2010)

Durante a cena não existem muitos estigmas feitos pela personagem, isso resulta em uma representação mais verídica do TEA. Porém, caso a atuação fosse realizada por um ator com autismo a cena seria melhor representada, além de proporcionar a oportunidade para profissionais com TEA.

Ademais, é importante destacar que existe uma padronização na representação de personagens autistas. Em muitos filmes eles são representados por homens ou meninos brancos, heterossexuais e de classe média alta. Como por exemplo no filme "Adam" (2009), onde o protagonista autista possui todas essas características. É importante afirmar que os produtores de filmes com a temática do transtorno do espectro autista deveriam diversificar mais os seus personagens que estão no espectro. Desse modo, as meninas, as mulheres, os negros e as pessoas de baixa renda que são autistas também ganhariam a sua representatividade nos filmes.

Outrossim, faz-se necessário que as indústrias cinematográficas contratem roteiristas e diretores que possuam experiência com o TEA ou que sejam autistas para que as representações do espectro tornem-se mais realistas e as características interpretadas pelos personagens autistas se igualem aos traços encontrados no Transtorno do Espectro

Autista. Além de aperfeiçoar a representatividade do autismo, também irá gerar mais oportunidades de emprego para profissionais autistas na área cinematográfica.

2.1.2 Representação Romantizada do Autismo

No meio cinematográfico é comum ouvir que as obras refletem a realidade e que é possível entender um pouco de cada cultura e de cada grupo social através dos filmes, séries e peças teatrais. Entretanto, notamos que algumas vezes essas representações podem ser fantasiosas ou românticas demais, o que deveria ser uma demonstração verídica do assunto, torna-se uma informação equivocada para os telespectadores.

Nessa perspectiva, observamos que o TEA está incluído nessas representações irreais. O transtorno do espectro autista engloba uma variedade gigantesca de casos e por isso não podem ser limitadas em somente uma representação. Além disso, cada caso apresenta suas características, seu tratamento, e seu nível de suporte, alguns casos são mais semelhantes que outros, mas nenhum é idêntico. Isso deveria ser positivo para os produtores de cinema, pois daria a oportunidade deles criarem diversos filmes apresentando a variedade do TEA.

Ademais, dentro dessa diversidade há o autista não verbal, o multifuncional, o Asperger, o com dificuldade motora ou visual, todos eles deveriam ser representados nas telas. Porém, o que encontramos nos filmes é a padronização do autismo interpretado por um gênio multifuncional que às vezes apresenta algumas características do espectro, mas que são vistas como algo positivo e engraçado por seus amigos e familiares. Também deveríamos encontrar filmes que tratem o TEA com seriedade e mostre o lado difícil de ser autista e todos os desafios que eles e suas famílias precisam encarar.

Todavia, é muito raro assistirmos obras cinematográficas que relatam que o autista tem quatro vezes mais chances de cometer suicídio do que alguém neurotípico isso é afirmado pelo DSM-5, manual da Associação Americana de Psiquiatria com classificações de transtornos mentais e seus respectivos critérios diagnósticos. Ou que apresentam dificuldade de socialização e de encontrar um companheiro amoroso (DSM-5). Esses filmes não podem somente abordar o lado bonito do espectro, mas também deveriam mostrar as lutas das famílias que possuem um autista e o quanto isso pode ser assustador e desafiador.

Desse modo, compreendemos que os autistas não devem ser reduzidos a uma única forma de representação e que essa romantização do TEA não é saudável para eles, pois quem não possui as características apresentadas nas telas pode gerar uma frustração por não atingir aquele padrão. Por isso, é importante dar mais visibilidade aos demais casos do transtorno do espectro autista para que os cidadãos fiquem cientes da existência deles e parem de generalizar os autistas como gênios e multifuncionais.

Portanto, é necessário que as famílias desses autistas não verbais sejam ouvidas e os que estão incluídos no TEA possam se pronunciar sobre a forma que gostariam de ser representados. Quanto mais eles falarem e explicarem como são os seus dias, seus tratamentos, o relacionamento com as pessoas e como suas famílias são importantes para apoiá-los, mais informações mais acertadas os produtores terão para incluir em suas obras.

Como por exemplo, na cena do filme “Adam” quando o protagonista é demitido e vai até um parque e fica observando as crianças. Sua atitude é muito suspeita, pois ele é um homem adulto. Com isso o filme quis evidenciar o comportamento atípico de um autista comparado com pessoas neurotípicas:

25:38 - Adam para e olha através da grade

25:41 - Crianças correndo, rindo e brincando no parquinho

26:00 - Dois policiais chegam ao local

26:06 - Um deles começa a questionar o Adam que fica confuso

26:27 - O policial pressiona o Adam contra a grade

26:34 - As crianças olham a cena assustadas

26:53 - Beth chega ao local e Adam pede ajuda para ela

27:02 - Ela explica que Adam é seu vizinho e ele é liberado

Logo, é necessário que os filmes produzam cenas como essas para que o assunto do TEA chegue ao público de maneira verídica e com experiências reais daqueles que apresentam o Transtorno do Espectro Autista.

2.1.3. Representação Padronizada do Autismo

Além da romantização é comum encontrarmos filmes em que o autismo é representado de maneira padronizada. Os personagens autistas costumam ter o mesmo perfil e apresentam as mesmas características. É raro assistirmos um filme em que o autismo seja interpretado por uma atriz negra, gorda, pobre, lésbica e de suporte nível três. Porém, seria interessante que os produtores abordassem o tema do TEA com a diversidade existente do transtorno, desse modo, os demais portadores do Transtorno do Espectro Autista ganhariam mais visibilidade.

Nessa perspectiva, é importante observar que essa padronização acarreta no estranhamento dos cidadãos neurotípicos ao se depararem com autistas que não são representados na mídia. Isso ocorre porque esses indivíduos passam a normalizar o que assistem e como os autistas que acompanham nos filmes e séries geralmente são multifuncionais e de suporte nível 1, eles internalizam a ideia de que só existe esse tipo de autismo.

Dessa maneira, é necessário que os produtores, diretores e demais profissionais do cinema pesquisem outras características presentes no TEA e entrevistem pessoas autistas para que adquiram mais conhecimento sobre o transtorno. Além disso, é indispensável que esses profissionais questionem como os autistas entrevistados gostariam de ser representados e qual assunto dentro do Transtorno do Espectro Autista eles escolheriam para dar mais visibilidade. Com essas informações, as obras cinematográficas passariam a ser mais autênticas e mais inclusivas em suas representações do autismo, oferecendo mais notoriedade aos demais traços do transtorno.

Como explicado anteriormente, é de suma importância que alguns profissionais responsáveis pela produção dos filmes sobre o TEA sejam autistas. Isso, porque, além de fornecer mais oportunidades de trabalho para profissionais com autismo, também auxilia para que o filme seja mais verídico em suas representações e não possua uma interpretação exagerada dos estigmas do personagem autista.

Na cena do filme “Mary e Max - Uma Amizade Diferente”, depois de ler a primeira carta que Mary envia, Max tem uma crise de pânico. mesmo sendo um desenho, essa

cena nos mostra alguns traços bem característicos do que ocorre quando um autista tem uma crise:

15:30 - Max começa a ler a carta de Mary

15:44 - Max está em crise em cima de um banquinho

Ademais, seria interessante que os produtores, além de diversificarem os atores e atrizes que interpretarão os personagens autistas, também alterassem a situação em que eles vivem, os amigos que possuem e incluir um relacionamento amoroso seria importante para mostrar que pessoas autistas também podem namorar, casar e até mesmo ter filhos, como no filme “Uma Lição de Amor”. Isso causaria um pensamento menos capacitista nos indivíduos neurotípicos ao pensarem sobre a socialização de uma pessoa autista.

Portanto, observamos que os filmes e séries precisam mudar suas representações sobre os autistas, incluindo novas características e perfis ao representarem um personagem autista. Assim, eles oferecerão mais visibilidade aos outros tipos de autismo presente no TEA e aos demais quadros existentes dentro do transtorno. Logo, as pessoas neurotípicas passarão a normalizar as variedades do transtorno do espectro autista e as incluirão com mais facilidade.

3. Conclusão

Por meio desta monografia foi possível demonstrar alguns tipos de representações do autismo nos filmes e de que maneira as informações sobre como um autista vive em nossa sociedade são transmitidas para as pessoas. Meu interesse por esse tema surgiu quando comecei o estágio não obrigatório que consistia em mediar alunos autistas. Além disso, em uma das aulas da minha faculdade, meu professor propôs que fizéssemos a análise de um filme levantando questões sobre a sociedade contemporânea.

Com isso, analisei dois filmes que apresentam o autismo como tema principal e gostei muito de desenvolver esse trabalho. Por isso, escolhi este tema para minha monografia para conclusão do meu curso de graduação. Fiz a seleção de três filmes e adquiri mais material para pesquisar sobre o tema da representatividade no cinema. Os objetivos de

analisar os filmes selecionados e julgar se eles são capacitistas em suas representações foram realizados durante esta pesquisa.

Concluimos que estes três filmes apresentam representações menos capacitistas do autismo quando comparados aos demais filmes mencionados nesta monografia. Além deles possuírem personagens autistas como protagonistas, eles mostram que esses personagens são capazes de ter uma vida tão comum quanto uma pessoa neurotípica. Porém, para isso eles não romantizam as dificuldades que os protagonistas enfrentam durante o cotidiano e nem os preconceitos que eles sofrem.

Os três filmes apresentam cenas tristes e cenas felizes da vida dos personagens, isso deixa claro para o público que a vida de uma pessoa autista é tão turbulenta quanto de uma pessoa neurotípica e que eles também precisam aprender a lidar com seus próprios problemas. Desse modo, os filmes evidenciam que os autistas também são pessoas adultas e independentes, ou seja, nesses casos específicos, eles não precisam ser ajudados a todo momento e nem devem ser tratados como crianças.

REFERÊNCIAS

Dias, C. C. V., Maciel, S. C., Silva, J. V. C. da ., & Menezes, T. de S. B. de .. (2021). Representações Sociais Sobre o Autismo Elaboradas por Estudantes Universitários. *Psico-usf*, 26(4), 631–643. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260403>

Mello, A. G. de .. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3265–3276. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>

Schmidt, C.. (2012). Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 18(2), 179–194. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000200002>

FREITAS, Lucas Cordeiro. 'Mary e Max: Uma amizade diferente': Enfocando conceitos do campo das Habilidades Sociais. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. 2011, vol.11, n.2 [citado 2023-07-06], pp. 528-531 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000200010&lng=pt&nrm=iso

Pires, M. da C. F., & Silva, S. L. P. da .. (2014). O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. *Educação & Sociedade*, 35(127), 607–616. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000200015>

DE MATTOS, Carmen Lúcia; DE CASTRO, Paula Almeida. ESPAÇOS, TEMPOS, SUJEITOS: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DOS SABERES PRODUZIDOS EM SALA DE AULA. *Revista Teias*, [S.l.], v. 10, n. 19, p. 11 pgs., jun. 2009. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24062>

GLOSSÁRIO

Asperger: Conhecida pela sigla SA, a síndrome de Asperger é uma alteração no desenvolvimento do paciente que acaba por afetar suas habilidades de socialização, seu contato com o mundo externo e sua capacidade de se comunicar ou de expressar suas emoções. A síndrome de Asperger está inserida no escopo do Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo considerada como uma das formas mais amenas do autismo.

Capacitismo: O conceito de capacitismo se refere ao grupo das pessoas com deficiência, que ao longo da história vem tendo suas capacidades subjugadas, o que envolve exclusão, preconceito e discriminação vivenciado por essas pessoas.

Cripface: O conceito de capacitismo se refere ao grupo das pessoas com deficiência, que ao longo da história vem tendo suas capacidades subjugadas, o que envolve exclusão, preconceito e discriminação vivenciado por essas pessoas.

TEA: O Transtorno do Espectro Autista é resultado de alterações físicas e funcionais do cérebro e está relacionado ao desenvolvimento motor, da linguagem e comportamental.